



A ESCOLA E AS TECNOLOGIAS¹

João Wanderley Gerald¹

¹UNICAMP, jwgeraldi@yahoo.com.br

1. Introdução

Nos tempos que correm, com inúmeras possibilidades tecnológicas disponíveis, chega a soar estranho a insistência em escrever textos, quando é possível dizê-los e se deixar ver dizendo-os. Quando McLuhan previu, na década de 1960, o fim da era Gutenberg, visionário como era, as tecnologias disponíveis eram poucas, e a televisão ainda era uma novidade para grande parte da humanidade.

No entanto, o avanço inicial das novas tecnologias produziu um avanço nunca visto no uso da escrita: o fax era escrito; nos internet, nos velhos chats, escrevia-se. E parece que a escrita persistiu apesar do decreto de sua morte. Escreve-se no twitter; escreve-se no whatsapp... e os antigos como eu, ainda escrevem no e-mail ou no blog. Mesmo em redes sociais, como o Face, a escrita ainda predomina, embora avancem vertiginosamente os posts em vídeo, os canais do YouTube, nesta oralidade segunda em que o frente-a-frente é virtual – outro distante – ou o frente-a-frente existe quando numa live há uma conversa entre os participantes... mas o outro real, visado, não é aquele presente fisicamente, mas aquele que é preciso supor estar acompanhando ou que venha a clicar o que está salvo nas nuvens, nisto que se chama de comunicação “assíncronica” quando o começo das tecnologias eram em tempo real, concomitante.

Há algumas diferenças neste mar de escritas, como todos sabemos. No twitter ou no whatsapp qualquer mensagem superior a duas linhas é considerada longuíssima. E, no entanto, foi por estas redes que se fez a pregação (porque não se tratou de campanha com a discussão de ideias) na última campanha eleitoral. E agora se inaugurou um novo modo de comunicação entre um futuro governo que já manda e os governados: as informações são transmitidas pelo presidente eleito através do twitter e por ele ficamos sabendo quem serão seus futuros ministros sob os quais padeceremos.

Que profundidade reflexiva pode ter uma mensagem curta? Muita e pouca. Em

¹Texto escrito para participação no UEADSL, 2018.



geral, pouca. Mas há versos de grandes poetas que são, por si, algo que leva à reflexão, como o verso de Políbio Alves que me impressionou muito: “escrever para não morrer de silêncio”. Uma linha e quilômetros de reflexões. Mas posts/mensagens em textos curtos não são mais do que uma “manchete” – quando trazem link para outros espaços – ou meras opiniões sem que o autor se sinta na obrigação de justificá-las.

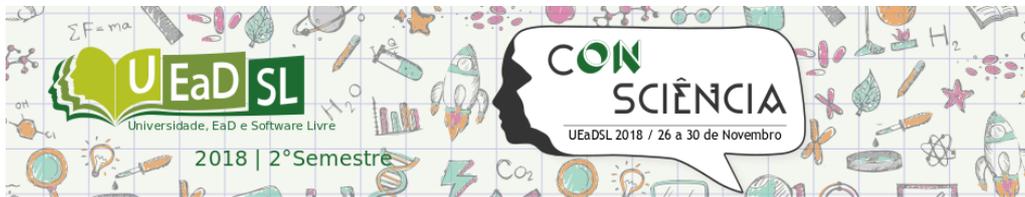
Vivemos, pois, num mar de textos e num mundo de poucos textos e pouquíssimos leitores que aceitem ficar mais do que 10 minutos lendo: mesmo vídeos extremamente chamativos, quando a duração ultrapassa 15 minutos, se tornam excessivos e dados mostram que a “presença” do ouvinte é inferior ao tempo da fala, o que se pode ver inclusive em comentários que mostram uma escuta que não chegou ao fim.

É neste jogo de muitas escritas, leituras, comentários escritos, que vivemos nossa Babel contemporânea. Alvíssaras? Talvez. Até porque nunca se consumiu tanto papel como atualmente... e nunca, com as edições de livros com impressões às vezes de 100 exemplares, aumentou o catálogo das editoras, fazendo circular mais palavras, mais vozes do que no passado.

Este o mundo: tudo pode ser à distância, tudo por ser assíncrono, tudo pode circular e tudo pode ser deletado ou esquecido ou deixado lá para ninguém ou para alguns poucos. E ainda assim escrevemos... e queremos aprender a escrever. Exemplo disso é a plataforma “textolivre”!

2. Isso tudo e a escola

Não se creia que a escola não produziu suas tecnologias ao longo da história. São tecnologias da escola que de tão presentes na nossa história escolar, às vezes não as vemos ou não as percebemos como tecnologia. Claro que não foi a escola a fábrica que confeccionou os produtos tecnológicos que a escola demandou, mas foi ela quem os elaborou, desde a arquitetura escolar até seus materiais mais cotidianos: o giz, o quadro-de-giz (o uso do quadro foi problemático, e os primeiros professores que o usaram foram presos), as carteiras (que substituíram as grandes mesas), o retorno das mesinhas individuais, os cadernos, as séries didáticas, o livro didático, o álbum seriado, o flanelógrafo, o mimeógrafo... Tudo isso são tecnologias da escola, produzidas ao longo de sua história. Isto sem considerarmos suas criações não materiais, como o “conteúdo de ensino”, que não é a mesma coisa que o conhecimento, porque este sofre vários processos de transformação ao se fazerem conteúdos: 1) uma seleção; 2) uma serialização segundo uma imagem de



capacidade de aprendizagem, num princípio falso de simples a complexo; 3) uma recapagem ideológica que faz, de hipóteses de explicações, explicações verdadeiras do mundo.

Mas a escola é também uma instituição que está no mundo, serve à sociedade que a criou e modifica-se na medida em que esta se modifica, ainda que seja mais lenta em vários aspectos. Assim, as tecnologias produzidas na sociedade invadem a escola: a página impressa, o livro, as estantes de suas bibliotecas, o rádio, a televisão, o slide, o filme e toda sua parafernália, desde a máquina de projeção ao dvd-player. E no final do século XX e fortemente neste começo de século, o computador e a internet.

Mas há uma característica desta utilização das tecnologias que foram surgindo: a escola as usou, as adaptou a seus interesses e a seus objetivos, que permaneceram quase imutáveis desde o surgimento da escola moderna: a socialização do conhecimento, selecionado e seriado, dando graus distintos de informação segundo um sistema social extremamente segregador, seletivo e excludente. Cumpre assim dois objetivos interligados: 1) manter e reproduzir as distinções sociais; 2) construir um amálgama social para a modernidade, alicerçado no conhecimento diferentemente distribuído mas suficiente para que ninguém imagine que a energia que ilumina este écran seja um milagre: o conhecimento substituiu a fé, o amálgama da sociedade medieval ocidental.

Que trazem as novas tecnologias de mais importante para a escola?

Do meu ponto de vista as novas tecnologias da informação tornam obsoleta a principal função da escola moderna: a socialização dos conhecimentos. Hoje eles estão disponíveis noutro espaço, a internet. Nenhum professor, por mais diligente que seja, dispõe de 1% de informações sobre sua área que estão acessíveis a um simples clique...

A revolução principal que as novas tecnologias trazem para a escola não é sua inclusão como um novo material a ser usado no ensino do que sempre se ensinou. Isto é superficial. Usar a internet para dar aulas ou para aulas à distância, mantendo o que sempre foi a escola, com o ensino cumprindo um programa pré-determinado, um conhecimento estático, é precisamente o inverso da tecnologia que pretende usar. O mais importante do acesso a um determinado tema na internet são os "links" que se abrem para ir aprofundando a compreensão do tema...

Ora, a penetração em profundidade num tema é precisamente o que não ocorre na escola tradicional e moderna, onde as doses do que saber sobre cada ponto do programa já estão dadas. O conhecimento em rede é aquele das relações entre os



elos. E seguir um aprofundamento significa desistir desta invenção moderna de todos saberem um pouco sobre tudo... É esta a grande mudança que as novas tecnologias trazem para o ensino – a possibilidade de mergulhos sem fim, numa galeria temática. E fazer isso significa desistir da superficialidade e desistir do conhecer de tudo um pouco!

Há também uma segunda definição a ser feita: se a escola deixa de ser o lugar da socialização do conhecimento, sua função agora há de ser outra. Parece-me que ela é a única instituição social capaz de cumprir outro papel, aquele da reflexão.

Se vivemos correndo, sendo bombardeados por informações, já não precisamos mais delas. Aquilo de que precisamos é refletir sobre elas, estabelecer conexões, buscar uma reflexão conjunta que permita sabermos afinal o que estamos vivendo.

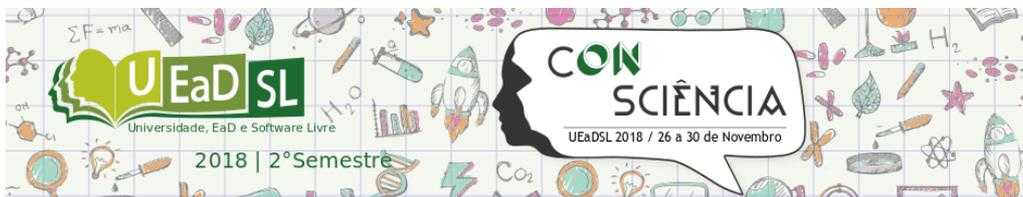
Assim, as questões que foram afastadas das escolas modernas retornam nesta nova era que se inicia, e estas são as questões essenciais: afinal, quem somos? Que fazemos aqui? Para onde vamos? O que cada coisa significa? Que significados teve e que significados podem ter os acontecimentos de passado e do presente? Que futuro desenhar para saber no presente escolher entre um leque de possíveis?

Todas estas perguntas remetem ao que temos chamado de “formação”, de “educação”, que os autoritarismos contemporâneos querem retirar da instituição escolar para relegá-la ao que já não pode ser: socializar conhecimentos que estão acessíveis em outros lugares. Projetos como o “Escola sem Partido” são uma excrescência diante das novas tecnologias... Proibir temas e reflexões são da ordem da Idade Média onde o livre pensar escandalizava (lembramos que a Reforma de Lutero consistiu essencialmente na luta pelo direito de ler a Bíblia e não de escutar as leituras aceitas).

Assim, muito ao contrário do que em geral se defende sobre as TICs (nem sei se ainda se usa esta abreviatura) que é a introdução dela para dentro da sala de aula – e na área do ensino de língua, incluir em seu conteúdo programático os novos gêneros que estão sendo criados – é extremamente superficial e sem compreender efetivamente os efeitos do avanço tecnológico que temos hoje disponível.

Não há que ensinar na escola a usar o computador; não há que ensinar na escola os novos gêneros discursivos produzidos nas diferentes redes de comunicação social agora existentes; não há que transformar a escola no que não é, dando-lhe a configuração da tecnologia contemporânea.

Não é isso que está em jogo. O buraco é mais abaixo, bem mais abaixo: trata-se de redefinir a função da escola num tempo em que as informações circulam por outros meios mais rápidos e mais acessíveis do que foram os jornais, as revistas, os livros,



as enciclopédias...

Do meu ponto de vista, esta nova função da escola – na contra corrente do pensamento bolsonariano que nos assola – é precisamente o fato de que esta instituição é o único espaço onde se reúnem pessoas que podem refletir sobre o que vivem ou sobre qualquer tema de seu interesse. Daí termos que jogar fora todas as propostas de “base curricular comum”, porque nas conexões e nos diferentes caminhos que por elas podem ser percorridos, nada mais será comum entre todos nós, a não ser a nossa natureza e nossa capacidade de aprender com os outros, e projetar um futuro em que ser diferente não assuste, em que pensar diferente se torne comum, em que saber coisas distintas seja precisamente o caminho do enriquecimento da experiência humana.

Somente quem reflete colocará em circulação, na internet, novas informações!!! E o que temos por enquanto é uma juventude obesa de informações e anoréxica de reflexões, porque a escola ainda não compreendeu que sua função atual é a reflexão, não a informação.